

Perguntas e respostas sobre Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares no Brasil

Reinaldo Pacheco da Costa ¹

Resumo: Uma relação acadêmica com o professor Peter North (University of Liverpool), a quem visitei em abril de 2018 para estudar a economia social no Reino Unido, permitiu-me produzir este artigo, cuja estrutura (o assim chamado método Socrático) de “perguntas e respostas” contém as minhas respostas às suas doze (12) dúvidas sobre Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares no Brasil (ITCPs). O Prof. Peter possui um relevante trabalho acadêmico sobre economia social e economia solidária, estudando e lecionando sobre as “economias alternativas”. Sua prática de pesquisa consiste em visitar e observar comunidades populares e suas organizações sociais e econômicas, da África ao Extremo Oriente, passando por diferentes países da Europa e América Latina. O conjunto de perguntas deu-me a oportunidade de explicar o *modus operandi* de uma incubadora tecnológica de economia solidária no Brasil.

Palavras-chave: Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares, Autogestão, Economia Solidária.

Abstract: An academic relationship with Professor Peter North (University of Liverpool), who I visited on April 2018 to study the social economy in the United Kingdom, enabled me to write this paper, whose structure (the so called Socratic method) of “twelve (12) questions and answers” contains my answers to his doubts about Technological Incubators of Popular Cooperatives in Brazil (ITCPs). Prof. Peter has a relevant academic work on social economy and solidarity economy, studying and teaching about the “alternative economies”. His research practice consists in visiting and observing popular communities and their social and economic organizations, from Africa to the Far East, including different countries in Europe and Latin America. The set of questions gave me the opportunity to explain the *modus operandi* of a technological incubator of solidarity economy in Brazil

Keywords: Popular Cooperatives Technological Incubators, Solidarity Economy, Self Management.

APRESENTAÇÃO

Na perspectiva de que mais importantes do que as respostas são as perguntas, as doze (12) concisas e densas questões do Prof. Peter North - indagando sobre o trabalho de incubação de Empreendimentos de Economia Solidária (EESs) no Brasil - são apresentadas na sequência, seguidas pelas respostas do autor deste texto na sua visão de pesquisador e militante de extensão universitária em economia solidária da Universidade de São Paulo (USP), especificamente na Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da USP (ITCP-USP).

Assim sendo, o presente trabalho é uma homenagem à generosidade e ao interesse do Professor Peter North pela economia social e pela economia solidária.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Pergunta 1. *Como as pessoas interessadas descobrem as ITCPs? Elas chegam até às ITCPs, ou são por elas procuradas?*

Resposta 1. As duas situações ocorrem. O movimento da economia solidária não se tornou conhecido através das universidades brasileiras, e sim graças aos movimentos sociais e a algumas experiências históricas. Há que destacar a importante história da solidariedade econômica desde sempre,

¹ Departamento de Engenharia de Produção – EPUSP. Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP-USP), Universidade de São Paulo
rpcosta@usp.br

história esta na qual a Inglaterra é exemplo secular. Basta lembrar de *Rochdale* e *Robert Owen*, bem como dos socialistas utópicos do século XIX (SINGER, 2002).

Sempre houve relevantes movimentos populares, sociais e políticos no Brasil, como são exemplo os grupos de trabalhadores anarquistas que, no início do século XX, fundaram a *Vila Rochdale* no município de Osasco. A *Vila Rochdale*, local industrial e de moradia de trabalhadores, foi assim denominada em homenagem à primeira experiência formal de cooperativismo popular.

A partir dos anos 60 do século XX, quando recrudescem um forte movimento de direita no país e os militares assumem o poder, registram-se vários movimentos populares de resistência, principalmente aqueles oriundos da igreja católica (Teologia da Libertação), de camponeses do Nordeste (Ligas Camponesas) e de sindicatos, ligados principalmente aos metalúrgicos de São Paulo.

A *Charitas Brasil* (2020) é um exemplo de instituição ligada à igreja católica que fomentou os movimentos populares pela base dos trabalhadores. Os seus *Projetos Alternativos Comunitários* (PACs), datados de 1960/70, são verdadeiros laboratórios de experimentação da economia solidária, com grupos coletivos se organizando e implantando grupos de produção, principalmente no campo e nas periferias das cidades.

Também a população brasileira de baixa renda conhece as ITCPs através dos movimentos sociais populares. Parelheiros, distrito de São Paulo, é um exemplo disso. Trata-se de região periférica de agricultura familiar próxima à capital paulista, onde, a partir de 2001, alunos da ITCP-USP, com o apoio da Igreja Católica local, promoviam aos sábados rodas de conversa sobre o cooperativismo popular que contavam com a participação de centenas de moradores e produtores rurais locais. Muitos destes, atraídos pelo assunto, organizaram-se em uma associação de comercialização de produtos agroecológicos que tem muito sucesso até hoje. Têm-se, assim, dezenas de pequenos produtores individuais (agricultura familiar) comercializando seus produtos conjuntamente, inclusive obtendo melhores preços à sua produção.

Pergunta 2. *Com que tipo de pessoas a ITCP atua? Desempregados que poderiam trabalhar - mas não há empregos-, trabalhadores autônomos, pessoas com problemas de saúde física ou mental, idosos recém aposentados saudáveis, idosos com problemas de saúde, educadores e pais de estudantes de escolas públicas e/ou privadas?*

Resposta 2. Todos eles, principalmente os desempregados e o povo desalentado - desempregados que não procuram mais emprego -, são os principais atores. Também os *sobrantes*, designação que Burgos (2013) forja para as pessoas que nunca estiveram “dentro” de algum procedimento formal de obtenção de renda e emprego, seja capitalista ou não, como é o caso da maioria dos catadores de resíduos sólidos no país.

Pessoas com problemas de saúde física ou mental são grupos sobre os quais é possível afirmar que têm algum sucesso recente na organização do trabalho associado e autogestionário. No Brasil, o Ministério da Saúde tem trabalhado há bastante tempo com o movimento antimanicomial, fundado por *Franco Basaglia* na Itália. Esse movimento encantou-se de veras com a economia solidária, e hoje desenvolve, com apoio dos *Centros de Atenção Psicossocial – CAPS* (Ministério da Saúde, 2020), projetos autônomos com grupos produtivos de usuários, com a designação própria de PONTO DE SAÚDE MENTAL E ECONOMIA SOLIDÁRIA, envolvendo alimentação (restaurantes, muitas vezes integrados com a agricultura familiar), artesanato e produção e compras de produtos agroecológicos.

Pergunta 3. *As ITCPs trabalham com indivíduos ou grupos, ou formam os grupos? Que tipo de grupos? São pré-existentes? Existe participação das Igrejas? Qual a importância dos líderes comunitários, especialmente as mulheres, nesses grupos? Os grupos são formados por estudantes ou por pessoas de comunidades pobres, ou ambos?*

Resposta 3. Sempre com grupos, autoformados ou com estímulos diversos à formação cooperativa e autogestionária. Lideranças comunitárias também são muito importantes no processo de criação de EESs. As favelas brasileiras têm sediado diferentes iniciativas solidárias, inclusive bancos comunitários e populares - que vêm verdadeiramente modificando o cenário das comunidades brasileiras -, tais como o Banco Bem (2020), em Vitória (Espírito Santo), e o Banco Palmas (2020), no Ceará, já com vinte anos de experiência.

Também existem grupos comunitários e assistencialistas representados por Organizações Não Governamentais (ONGs) que devem ser aqui lembrados, como são os casos das “Santas Casas de Misericórdia” no Brasil, e mesmo instituições de caridade que se baseiam em co-gestão administrativa, como são vários casos de associações e fundações sem fins lucrativos disseminadas pelo país. Mas também deve ser salientado que a Economia Solidária não é assistencialista, não possui membros voluntários, de vez que um de seus principais objetivos é produzir e obter renda. Afinal, a economia solidária é um movimento econômico e social cujos objetivos são trazer democracia e proporcionar resultados econômicos para as unidades produtivas (sejam estas bens ou serviços), nas quais todos têm que ter participação e remuneração digna. Daí sua semelhança com a economia social europeia, que se destina à atividade econômica sem fins lucrativos (COSTA, 2018a).

Pergunta 4. *Como se garante que os diferentes grupos possam se comunicar e se entender?*

Resposta 4. Através de redes integradas. Essa é a forma usual de relacionamento: redes de comercialização e de comunicação. Como demonstram Nóbrega et al. (2018), a rede oeste do município de São Paulo (*REDINHA*) é um exemplo de *rede* que agrega a cooperação de vários CAPS, visando apoiar projetos de geração de trabalho e renda com potencialidade no trabalho colaborativo e de responsabilização das equipes.

Também há as redes de compras coletivas, hoje disseminadas pelo país, e as redes de vendas associadas entre produtores e consumidores. São exemplares também as redes desenvolvidas ao longo dos últimos 20 anos, buscando a implantação de EESs desde o desenvolvimento territorial, como são os casos:

Rede de Produção e Comercialização agroecológica de Parelheiros

O projeto abrange moradores da região de Parelheiros (Mambu, Embura, São Norberto, Parque Florestal, Álamos) de faixa etária diversa, desde jovens até agricultores de mais de 70 anos. Cerca de um terço tem idade aproximada de 20 anos, um terço tem entre 30 e 40 anos, e o restante tem acima de 40 anos. A escolaridade dessas pessoas também abrange diferentes níveis, havendo desde analfabetos e semianalfabetos (que representam cerca de 25%), passando por pessoas com ensino fundamental completo (50%), até participantes com ensino médio ou ensino superior concluídos (aproximadamente 25%). A renda familiar, entretanto, é um aspecto mais homogêneo: a maioria (90% dos participantes) tem renda mensal de um salário mínimo. Os participantes são pequenos agricultores familiares, educadores, produtores de outros gêneros alimentícios (mel, *shitake* etc.), aposentados, trabalhadores da Associação Comunitária Pequeno Príncipe (cozinha, manutenção e construção, creches, horta), assentados pela reforma agrária, e futuros (interessados) agricultores. Há também participantes interessados até mesmo em processo de organização comunitária.

Rede Solidária da Zona Sul

Os integrantes desta Rede são EESs informais, cooperativas legalizadas, associações de produtores, ONGs, Poder Público local, Igrejas Católicas, Igrejas Evangélicas e Agentes Locais de Economia Solidária (ALES) formados pela ITCP-USP. Os participantes da rede são homens e mulheres com idades entre 20 e 60 anos, que têm renda média de um salário mínimo, atuam principalmente em trabalhos sociais, ou são aposentados e, raramente, recebem salário proveniente de um emprego, que é mantido paralelamente às atividades do empreendimento e da rede. Residem e trabalham na Zona Sul de São Paulo, nas regiões abrangidas pelas subprefeituras do Campo Limpo e M'Boi Mirim.

Os bancos comunitários e populares também são exemplos de *redes*. Enquanto uma cooperativa junta no mínimo sete (7) pessoas, os bancos comunitários conjugam centenas de pessoas nas comunidades. Há o caso do Banco Comunitário União Sampaio (2020), localizado em um centro de atendimento à mulher que existe há mais de 30 anos na Zona Sul de São Paulo, e que fornece, principalmente, apoio psicológico e jurídico às vítimas de violência doméstica, um problema crônico brasileiro. O banco comunitário analisa o crédito na perspectiva da comunidade, e conta, também, com uma *moeda cultural* muito utilizada pelos jovens da região para a montagem de shows e grupos musicais.

Pergunta 5. *Como convencer as pessoas relutantes de que vale a pena fazer funcionar o trabalho associado e autogestionário - especialmente as pessoas com problemas de saúde, com baixa autoestima ou de comunidades pobres? A ITCP trabalha somente com os mais pobres, ou com pessoas de outras classes sociais, que podem também se organizar autogestionariamente?*

Resposta 5. A entrada de novas pessoas no grupo a ser incubado se dá por meio de um processo formativo aberto e participativo, que tem como objetivo promover uma perspectiva de grupo, e não de indivíduo. Com muitas contradições, a relação do indivíduo e do grupo - óbice a superar quando se trabalha coletivamente em processo de autogestão - é assim comentada por uma das formadoras universitárias:

(...) tenta-se tornar visível, no jogo das relações entre os parceiros, a ação de um poder designando essas mesmas relações. Também constata-se que, apesar da ênfase da perspectiva de trabalho da Economia Solidária se voltar para a constituição de grupos, sua prática institucional vem incidindo sobre indivíduos, exigindo deles um certo tipo de exercício de subjetivação, conduzindo-os numa tentativa de adequação aos princípios orientadores do trabalho coletivo, por meio da aplicação de uma metodologia centrada na produção de uma identidade de grupo e no uso de procedimentos democráticos (ZORNITA, 2009, p. 2).

As construções sociais, portanto, devem fazer sentido para as pessoas. É preciso levar em conta que essa forma de incubação de grupo popular é atividade recente como extensão universitária, e como experiência interdisciplinar. As primeiras vivências metodológicas foram transmitidas àqueles que iam se tornando novos formadores/incubadores, e tomaram como base conceitual os princípios da educação popular, que aos poucos foram enriquecidos e aperfeiçoados (INSTITUTO DE ASESORIA PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO - IADH, 2009).

No que concerne às cooperativas constituídas por outras classes sociais além das classes populares - prioritárias para o movimento de economia solidária -, merece menção a Cooperativa Verso, inclusive pela sua excepcionalidade neste segmento de classe média da sociedade brasileira; nascida em 2000 de um grupo de formadora(s) da ITCP-USP que estavam terminando o curso de Psicologia na USP, e que buscaram ter a sua própria cooperativa autogestionária. Assim é que passaram por várias fases de sustentabilidade, inclusive tornando o perfil de participação mais generalista, incluindo profissionais de ciências contábeis, além de psicólogos e assistentes sociais.

Pergunta 6. *E como se dão os processos de divulgação, publicidade, recrutamento, pré-incubação, incubação, comercialização e suporte contínuo após a incubação?*

Resposta 6. Importante para a divulgação e amplo conhecimento do movimento da economia solidária, e suas primeiras tecnologias sociais, como é o caso das ITCPs, foi o estabelecimento de uma *identidade*, de uma *filosofia prática*, que foi de responsabilidade de alguns intelectuais, principalmente Luís Razeto no Chile (Razeto, 1984), e Paul Singer (Singer, 2002) no Brasil. Dentre muitos outros, esses formadores divulgaram a denominação *ECONOMIA SOLIDÁRIA*, largamente discutida e polêmica por ser multivariada e constituída de interesses que ultrapassam a economia como disciplina estanque. Vale lembrar, também, o Fórum Mundial Social de 2001, em Porto Alegre, que utilizou a denominação *economia solidária* e divulgou amplamente o tema “*uma outra economia é possível*”.

O processo de pré-incubação consiste na identificação, sensibilização e preparação de grupos. Depois que a proposta de um grupo potencial de incubação é recebida, uma dupla de formadora(e)s da ITCP-USP - pertencente internamente a um Grupo de Estudos Multidisciplinares (GPEM) - se reúne com o grupo que deseja explorar a possibilidade de criar um EES, coletando informações e problemas e sensibilizando-o para o processo de incubação. Nesse processo, os membros de ambas as instituições (empreendimentos de economia solidária e incubadoras) se conhecem e se aproximam, visando entender a realidade da situação social em que o grupo está inserido e o comportamento dos membros deste, além de instigar a ruptura com a cultura do “silêncio”, o que pode significar que problemas, estruturas e soluções opressivas de poder não estavam sendo reconhecidas e/ou articuladas. Essa “fase de descoberta” leva em consideração as necessidades dos grupos e suas vozes (Costa et al., 2016) são ouvidas. Nesse ponto, eles começam a dar os primeiros passos para se mobilizarem conjuntamente no desenvolvimento de um empreendimento econômico solidário.

Simultaneamente, são elaborados materiais gráficos de divulgação, cartazes, *folders* e *banners* para divulgação em feiras, eventos e durante as articulações com o poder público e outras instituições locais.

O material de divulgação das atividades de cada rede constitui-se em mais um meio de divulgação, como são exemplos o Seminário de Desenvolvimento Local na Zona Sul, e o Mutirão de Limpeza no Jardim Jaqueline. Essa divulgação ocorre tanto em eventos promovidos pela ITCP-USP quanto em eventos das redes acompanhadas, com maior ênfase em congressos e seminários promovidos pela ITCP-USP e por outros parceiros, como a REDE de ITCPs e o Comitê Acadêmico de Processos Cooperativos e Associativos (PROCOAS), ligado à Associação Universidades Grupo Montevideo (AUGM), grupo que reúne mais de 20 universidades da América Latina envolvidas em economia social e economia solidária.

Pergunta 7. *Quais problemas a ITCP-USP teve com propostas irrealistas? O que foi feito para tornar realistas as propostas irrealistas?*

Resposta 7. Realista não é apenas o sucesso econômico em si, porque, apesar de ser este o objetivo principal, também se busca melhorar e incentivar as relações humanas, a autoestima das pessoas, a construção coletiva e os valores comunitários. É evidente que as dificuldades são imensas, mas também é fato que comportamentos e atitudes marcados pela civilidade ganham ímpeto e consolidam-se. No início existem dificuldades, mas, com as rodas de conversas e de trabalhos, os resultados se apresentam melhores e mais sustentáveis. Não se pode ignorar que muitas das pessoas envolvidas nesse processo têm um capital cultural mínimo - muitas vezes sem alfabetização completa -, e que muitos dos alunos da universidade que participam da ITCP-USP, a despeito de todas as virtudes, por

vezes são intemperantes, como sói acontecer na juventude. Aqui está a importância de se começar o trabalho (de incubação) com o pessoal das ciências sociais – geografia, sociologia, psicologia social e antropologia, entre outros, com conhecimentos e sensibilidade para debruçar-se sobre temas humanos e coletivos. Depois são trabalhadas as disciplinas mais pragmáticas, mas não menos importantes, como administração, finanças, comércio, empreendedorismo solidário e cooperativismo.

As dificuldades se esboçam de diversas formas. Para a ITCP-USP, dada a escassez de recursos de custeio, na incapacidade de sustentar a equipe de modo permanente, - e com integrantes com maior experiência -, na impossibilidade de desenvolver as atividades previstas e necessárias, e, ainda, na dificuldade de locomoção da equipe para os trabalhos de campo nas regiões periféricas da cidade.

Para os EESs, também em virtude da falta de recursos, em problemas de capital de giro e na locomoção para participarem de eventos do movimento de economia solidária e de encontros nas regiões de incubação. Mas a principal dificuldade dos EESs é a própria sustentação, que decorre da demora na geração de renda para os beneficiários, o que se espelha também em problemas com o escoamento da produção. Assim sendo, o apoio do Estado, em suas diferentes instâncias, reveste-se de essencial importância.

Já no que concerne às redes e centros de referência, os problemas financeiros prejudicam a locação de espaços, o que desestimula o maior envolvimento dos participantes, inibe o fortalecimento de sua autonomia e, por consequência, atrasa a formalização legal destes, outra grande dificuldade no país. Quando não há a participação permanente de EESs nas redes, estas se tornam esvaziadas e perdem o sentido prático de sua própria existência. A via contrária também vale, pois os EESs e as redes são interdependentes, necessitam estar juntos para fortalecimento mútuo, tanto através da criação de um fundo solidário, quanto da atuação conjunta dos EES para fortalecer produção, comercialização e consumo.

Pergunta 8. *Quanto tempo leva o processo para os casos difíceis de serem tratados? A ITCP-USP apóia, a longo prazo, comunidades que nunca serão autossuficientes?*

Resposta 8. A maioria dos EESs tem problemas de continuidade, viabilidade econômica e manutenção do trabalho coletivo associado, mas há uma mudança significativa na maneira como o mundo lhes aparece novamente, após o processo de incubação.

Após um período - não inferior a dois anos -, o grupo é lançado, entra na fase pós-incubação e recebe apoio periódico para desenvolver redes e outras parcerias. Nessa fase, os participantes buscam consolidar a autonomia do grupo, tanto em questões econômicas como nas relações sociais e políticas, fortalecendo a confiança e trocando experiências. De certa forma, o processo de incubação nunca termina. Os processos de pré-incubação e incubação são, todos, passos para a desincubação e, à medida que amadurecem, os EESs se aproximam da independência completa. O ponto central é a formação de uma identidade coletiva para o grupo, incentivando os indivíduos a desenvolverem suas próprias experiências subjetivas e capacidades de autorrealização.

O fortalecimento dos EESs e das redes está vinculado ao aumento da autonomia destes em relação à ITCP-USP, como ocorreu, no caso dos agricultores de Parelheiros, com iniciativas de encontros com o poder público sem a ITCP-USP; no caso da Rede Solidária da Zona Sul, por meio de atividades realizadas no Largo do Campo Limpo; e ainda, no caso dos agentes locais de economia solidária (ALES), na construção de um espaço econômico, social e político de fomento à economia solidária na região.

Pergunta 9. *Fale-nos, através de alguns exemplos, de incubações bem-sucedidas e outras que deram errado.*

Resposta 9. Em Parelheiros, verifica-se a transição da produção convencional para a agroecológica, bem como o aumento das vendas através do contato direto com os consumidores, via feira coletiva ou outros sistemas logísticos.

Na Rede Solidária da Zona Sul, existe a possibilidade de escoamento dos produtos via esta Rede. E também, e principalmente, há os eventos realizados para captação de recursos e venda de produtos dos EESs.

No que concerne aos EESs incubados, constata-se a melhoria das condições de trabalho mediante a construção coletiva para a viabilidade dos empreendimentos, o que é base para a formação sociopolítica dos membros em relação a economia solidária e autogestão.

Quanto à geração de renda, ainda são baixos os valores auferidos pelos EESs, por dificuldades de inserção nos mercados solidários e convencionais e por problemas decorrentes da qualidade dos produtos e da estrutura produtiva de tais empreendimentos. Por outro lado, essas dificuldades de gestão são tema de formação e aprendizado para EESs e equipe executora, através de ação prática para a concretização das atividades.

Os catadores e catadoras de materiais sólidos recicláveis são um exemplo marcante, pois um milhão de pessoas no Brasil ainda vivem da coleta e da triagem de recicláveis, e somente 40 mil participam de cooperativas de catadores e catadoras: um exemplo de sucesso relativo, difícil e instável. Há mais de 1000 cooperativas de catadores, majoritariamente formadas por mulheres, e autogestionadas.

Conforme já mencionado, ***Pontos de Economia Solidária e Saúde Mental*** foram instalados com o apoio de CAPS e da prefeitura da cidade de São Paulo, e têm se mostrado um relevante modelo de desenvolvimento de ações produtivas remuneradas para os usuários do sistema de Saúde Mental.

Mas também podem ser citadas iniciativas como aquelas realizadas nos bairros Parelheiros, M'Boi Mirim, Campo Limpo, Capão Redondo, Jardim Ângela, Jardim Jaqueline e Butantã, que contaram com projetos da iTCP-USP via Programa Nacional de Incubadoras - PRONINC (Ministério de Ciência e Tecnologia, 2010), e de outras instituições, com destaque para o Instituto Polis e a Secretaria do Verde e do Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de São Paulo.

Pergunta 10. *Como são financiadas essas operações de incubação? Quais argumentos se usam para obter os financiamentos adequados?*

Resposta 10. As universidades participam com o fornecimento de infraestrutura e algumas bolsas para estudantes de graduação. O governo federal, a partir de 2003, foi o principal patrocinador e financiador de projetos ligados à economia solidária.

Embora a criação do PRONINC tenha ocorrido em 1997, sob a coordenação da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), é somente a partir de 2003 - com o advento da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES)² do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) - que a sua ação se amplia e o seu Comitê Gestor ganha maior abrangência institucional, mediante o estímulo à geração de conhecimentos nas universidades e de sua transferência materializada no apoio à organização de empreendimentos cooperativos que visam proporcionar trabalho e renda com foco na inclusão social (COSTA, 2018b).

Criada através do Decreto nº 4.764, de 24 de junho de 2003.

Desde a sua origem, o PRONINC utiliza fontes de recursos das instituições parceiras, cada uma delas tendo a sua institucionalidade também distinta. Por exemplo, o Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) pode enquadrar os recursos destinados ao PRONINC em uma ação dos Programas de Inclusão Produtiva ou Bolsa-Família enquanto atividade complementar. Já o Ministério da Educação (MEC) teve sua ação específica no PROGRAMA DE EXTENSÃO - PROEXT, o Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT)/FINEP nos fundos setoriais, e assim por diante.

Há outras fontes de financiamento que aprofundam o desenvolvimento dos trabalhos em cada local, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), com o projeto “Mãos e Mentes Conectadas”, e a FINEP, com o projeto “Desenvolvimento local a partir da economia solidária e da segurança alimentar no Jardim Jaqueline.

Pergunta 11. *Como se convenceu a USP a apoiar esta atividade de extensão? Quais são os benefícios para estudantes, participantes e pesquisadores? Pois, em nosso caso, a Universidade de Liverpool, sendo primordialmente uma universidade de pesquisa, tem pouca atividade de extensão.*

Resposta 11. A ITCP-USP contribui na universidade como espaço peculiar da multidisciplinaridade, resultando em profunda e reflexiva formação de estudantes e demais participantes. A atuação da ITCP como projeto de extensão amplia a atuação da universidade na sociedade para além da formação acadêmica interna de estudantes - gerando uma formação comprometida com questões de ordem socioeconômica - e, ainda, possibilita o estabelecimento de novas parcerias, o que promove diálogos permanentes com instâncias como sociedade civil, comunidades, organizações e poder público.

E, ainda que a USP também seja uma universidade bastante focada em pesquisa, como a Universidade de Liverpool, a economia solidária se tornou um campo de investigação bastante profícuo no Brasil. Nessa perspectiva, é possível afirmar que a economia solidária efetivamente contempla o tripé sobre o qual se assentam as universidades públicas do país, a saber, a integração entre ensino, pesquisa e extensão.

Pergunta 12. *Quais contribuições você, como responsável pela ITCP-USP, acredita que essa metodologia de formação de cooperativas populares ou tecnologia social, pode trazer de benefícios para nós, em Liverpool, agora que você conheceu algumas experiências na Universidade e na cidade?*

Resposta 12. Seria frívolo fazer comentários definitivos, dado o pouco tempo de vivência e pesquisa no Reino Unido, nação que tem um sistema econômico voltado aos aspectos sociais que se constitui em referencial histórico, como são exemplos as Leis de *Speenhamland* do século XVIII (PolanyiI, 2001), capazes de atender em parte a distribuição mínima de renda da época.

O Reino Unido também conta com um sistema habitacional avançado e admirável, o que não ocorre no Brasil, que não apresenta avanços nesse sentido, apesar da pressão de movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST) e o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), dentre outros.

No que diz respeito à educação, o sistema acadêmico do Reino Unido é composto – grosso modo - por três diferentes categorias, bastante discricionárias em termos sociais: i) Russel Group - “(...) associação das 24 maiores universidades de investigação intensiva do Reino Unido, que recebe dois terços dos recursos destinados à pesquisa do país Russel Group (2017, p.8)”; ii) *Polytechnical Universities* - que se assemelham aos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) brasileiros; e, iii) *University Colleges* - que formam professores para o ensino fundamental.

Pelo observado, não existem programas universitários específicos de extensão, nos quais os alunos dos três sistemas possam discutir os benefícios de uma economia de autogestão, com as pessoas necessitadas e para o futuro. Mas, existe uma possibilidade: a construção de um piloto de incubadora de cooperativas populares, unindo diferentes sistemas universitários, porque envolveria, o que é mais importante, o contato e o diálogo entre os jovens estudantes universitários de elite (i) e das outras instituições de formação de 3^o. grau acima mencionadas (ii e iii), e os “outros” jovens, aqueles das periferias excluídas e étnicas, uma questão hodierna e crítica para toda a Europa e também para o Reino Unido. Isso propiciaria o conhecimento mútuo e o trabalhar conjunto para a construção de novas propostas de participação na economia, na produção e na reprodução da vida, constituindo “*um encontro dos extremos*”, como propunha Adorno (2007, p. 50).

À GUIA DE CONCLUSÕES

As incubadoras tecnológicas de cooperativas populares brasileiras tiveram suas raízes no movimento de Ação da Cidadania liderado pelo sociólogo Herbert de Souza (o Betinho), que estimulou a criação, em 1993, do Comitê de Empresas Públicas no Combate à Fome e pela Vida (COEP). No Encontro do COEP de 1995, quando foi discutida uma proposta da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) para o entorno de seu campus em Mangueiras - uma área de favelas da Zona Norte do Rio de Janeiro - e sabendo que a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) tinha uma incubadora de empresas, surgiu a idéia “(*... por que não incubar cooperativas na comunidade, com vistas a inclusão social, geração de trabalho e renda, e redução da violência? (...)*)” (PATEO, 2008, p. 42)

As ITCPs - desde a fundação da primeira ITCP na UFRJ em 1997, fomentaram a parceria entre a universidade e a sociedade e os movimentos sociais no Brasil. Hoje, há mais de uma centena de incubadoras universitárias no país. Por meio de programas de extensão, tais ITCPs realizam a formação em economia solidária em uma “via de mão dupla” entre os saberes científicos e populares, demonstrando, na prática, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão universitárias e proporcionando, a estudantes, colaboradores e professores, uma atitude investigativa na qual “aprendem a aprender”, de vez que passam a dialogar e a intervir na realidade para (re)construir o conhecimento, ao invés de tão somente transmiti-lo ou copiá-lo. Além de se configurarem como importantes parceiras técnicas dos EESs, as ITCPs também são parceiras críticas no entendimento dos problemas substantivos das pessoas envolvidas na formação de cooperativas e de outras entidades da economia solidária, o que possibilita a articulação entre a teoria e a prática do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. **Mensagens numa garrafa**. In: Slavoj Žižek (org). Um mapa da ideologia. Org. Slavoj Žižek. São Paulo, Contraponto, 2007. P.

BANCO BEM - Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/AUTORcategory/Community/Banco-Bem-227628097392466/>>. Acesso em 28/04/2020.

BANCO COMUNITÁRIO JARDIM SAMPAIO. Disponível em: VARIOS <https://www.facebook.com/agpopular.trindade/> - Acessos em 28/04/2020.

BANCOPALMAS. Disponível em <<https://www.institutobancopalmas.org/>> Acesso em: 28/04/2020.

BURGOS, R.. **Periferias Urbanas: O Chão dos catadores no urbano periférico**. São Paulo, HUMANITAS, 2013.

CHARITAS BRASIL. Disponível em: www.caritas.org.br. Acesso em: 28/04/2020.

COSTA, R. P. (Coord.). PROJETO ARTICULAÇÃO. **Sistematização de Experiências de Incubadoras Universitárias Tecnológicas de Cooperativas Populares**. Vários Autores. ISBN: 978-85-62587-12-2. São Paulo. Incubadoras participantes: ITCP-SP; ITCP-UNICAMP, ITCP-UNESP, NUMI-UFSCar. ITCP-FGV. 2013

COSTA, R. P.; RINALDI, A.; BERNARDO, A. H.; FUJITANI, M. K. T.; BRTHOLDO, M. **Vozes da economia solidária**. Incubadora tecnologia de cooperativas populares, v.1. p.180. São Paulo, 2016. ISBN 9788563348067

COSTA, R. P.. Economia Social da Inglaterra e Economia Solidária do Brasil. XIV Seminário Internacional PROCOAS - ASOCIACIÓN DE UNIVERSIDADES DEL GRUPO MONTEVIDEO. Anais do Seminário. Córdoba, Argentina. 2018a.

COSTA, R. P. Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (Capítulo p. 151). In: **Incubadoras Tecnológicas de Economia Solidária**. Vol I. Addor, F. & Laricchia, C. R. (Orgs). CNPQ/Editora UFRJ. Rio de Janeiro, 2018. ISBN 9788571084421. 2018b.

COSTA, R. P. **Economia Solidária: ontem, hoje e amanhã**. XV Seminário Internacional PROCOAS - ASOCIACIÓN DE UNIVERSIDADES DEL GRUPO MONTEVIDEO. MONTEVIDEO. Anais do Seminário. Valparaíso, 2019.

Instituto de Assessoria para o Desenvolvimento Humano (IADH). Relatório final – convênio MTE -SENAES/IADH. **Avaliação do programa nacional de incubadoras tecnológicas de cooperativas e empreendimentos solidários** – PRONINC Relatório Final (versão preliminar para discussão). Brasília, 2011.

MINISTÉRIO DA SAÚDE - **Centro de Atenção Psicossocial (CAPS)**: Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/404.html>> acessado em 25 de outubro de 2020. Acesso em: 28/04/2020

MINISTÉRIO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA. PRONINC – EDITAL 27/2017. RELATÓRIO FINAL. 2017.

MINISTÉRIO DA SAÚDE – **Centros de Atenção Psicossocial**. Disponível em: MST – Movimento dos Trabalhadores sem terra. Disponível em: www.mst.org.br. Acesso em: 28/04/2020.

NÓBREGA, M. P. S. S., SILVA, G. B. F., SENA, A. A. C. R. **A reabilitação psicossocial na rede oeste do município de São Paulo: potencialidades e desafios**. Revista Gaúcha de Enfermagem, 39, e2017-0231. Epub July 02, 2018. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/1983-1447.2018.2017-0231>>

NORTH, P. (2017) **Towards Just and Sustainable Economies: The Social and Solidarity Economy North and South**. Edited by Peter North and Molly Scott Cato Bristol Press.

PATEO, F. V.. **Socializar o mercado ou desmercantilizar a sociedade: os caminhos dos empreendimentos solidários na busca pelo reconhecimento de seu trabalho**. Trabalho de conclusão de curso. FEA-USP. Orientadores Profs. Dr. Eli Veiga e Prof. Dr. Reinaldo Pacheco da Costa. 2008.

POLANYI, K. (2001). **A Grande Transformação: As origens políticas e econômicas de nosso tempo**. 2ª. ed. Boston. Beacon Press. ISBN 9780807056431.

RAZETO L. **Empresas de trabajadores y economía de mercado**. Santiago: Ediciones PET, 1984.

REDE ITCPs – Disponível em: www.itcp.coppe.ufrj.br/rede_itcp.php> Acesso em: 28/04/2020.

RUSSEL GROUP) – PROFILE. Disponível em: https://russellgroup.ac.uk/media/5524/rg_text_june2017_updated.pdf> Acesso em: 20/04/2020.

SINGER, P. I. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

UNITRABALHO - Disponível em: http://www.socioeco.org/bdf_organisme-550_pt.html>; Acesso em 26/10/2020.

ZORNITA, K. G. S. **O Trabalho da fabricação de sentidos**. SIICUSP – Seminário de Iniciação Científica da USP. 2009.